

Problematizações retóricas no debate do aborto... Prolegómenos de uma investigação

REGINA MARQUES

regina.marques@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Resumo

A análise retórica e argumentativa ao discurso sobre o aborto contido em dois jornais diários de referência – O Público e o Diário de Notícias –, no cruzamento com outros oriundos de outros campos mediáticos, permitiu-nos, no contexto da nossa dissertação de doutoramento, obter uma cartografia do aborto ainda que se trate, naturalmente, de uma cartografia sempre provisória.

Confrontando toda a argumentação e a retórica desse debate no espaço público, estabelecemos uma arquitetura do *sensu comuni* definidora da visão, ou melhor, das visões da nossa actualidade, o que na sociedade multicultural em que vivemos é cada vez mais problemático delimitar. Neste artigo o nosso objectivo é tão-somente problematizar os aspectos relativos ao carácter polémico, universal e singular do nosso objecto de estudo – o debate retórico sobre o aborto - e equacionar a sua pertinência científica.

Palavras-chave:

Argumentação, aborto, complexidade, investigação, objecto polémico, retórica

Abstract

L'analyse rhétorique et argumentative portée sur le discours sur l'avortement dans deux journaux de référence au Portugal - O Público e DN - dans le croisement avec d'autres champs médiatiques nous a permis d'obtenir une cartographie de l'avortement, quoiqu'il s'agisse naturellement, d'une cartographie toujours provisoire. Tout en confrontant l'argumentation et la rhétorique de ce débat dans l'espace public nous avons établi une architecture du *sens commun* qui définit la vision, ou plutôt, les visions de notre actualité, ce qui devient chaque fois plus problématique délimiter dans la société multiculturelle où nous vivons. Dans cet article, notre seul objectif est de problématiser le caractère polémico, paradoxalement universel et singulier, de notre objet de recherche, en relevant sa pertinence scientifique. Il s'agit d'un aspect que nous avons traité plus longuement dans le cadre de notre thèse de doctorat.

1. A problematização da questão

Na investigação clássica importa sempre levantar um problema e encontrar as metodologias adequadas ao seu tratamento e equação de resultados. Em Ciências da Comunicação, um campo aberto ao mundo e no cruzamento das redes disciplinares, uma das questões que se coloca ao investigador é o de provar a pertinência científica do seu objecto de investigação sobretudo quando se trata de objectos polémicos com fronteiras disciplinares ténues e tensas. Outra questão, conexas a esta, e não menos relevante, tem a ver com a natureza da relação e envolvimento do(a) investigador(a) na abordagem científica sempre que o assunto é de actualidade e o debate plurilocal se trava na esfera pública.

Procuraremos tratar estas questões neste artigo, tal como as equacionámos na nossa própria investigação¹ em torno do debate mediático sobre aborto, circunscrito a um período de tempo coincidente com o Julgamento de Aveiro (finais de 2003 a Março de 2004). Caracterizamos este Julgamento como um acontecimento paradoxal que sentou no banco dos réus mulheres acusadas de práti-

ca de aborto, com extensões a vários campos mediáticos - incluindo o judiciário e o político. Tal acontecimento desencadeou uma teia complexa de textos de opinião e comentários nos *media* que circularam densamente entre os vários campos mediáticos do saber, produzindo assim uma complexa rede de sentidos.

2. A objectividade científica e o pluralismo

Existe um largo sector da epistemologia contemporânea que valoriza a argumentação persuasiva na ciência e se mostra empenhado em falar do pluralismo conceptual que a noção de objectividade científica comporta. Há como que uma unanimidade entre os cientistas (de todas as áreas do saber) para verem a *objectividade* como uma virtude da ciência mas uma virtude que não esgota a lista das virtudes epistemológicas como nos diz Fernando Gil no seu texto "*A ciência tal qual se faz e o problema da objectividade*" (1999). No mesmo contexto desta discussão, John Ziman, físico e sociólogo da ciência, afirma que, na realidade, "a objectividade científica não é uma virtude filosófica abstracta", é antes "uma norma cultural incorporada numa teia de práticas sociais". Os cientistas "incorporam a objectividade no seu sistema de valores pessoais através da sua própria experiência em situações de investigação onde as práticas relevantes são

¹ Investigação que alicerçou a nossa dissertação de doutoramento defendida em 23 de Julho de 2007

sistematicamente observadas" (Ziman, 1999:449-450).

No entanto, porque não é fácil determinar o que são, e quais são as práticas relevantes, este autor augura que a objectividade científica e a imparcialidade em questões materiais, a par da investigação desinteressada, foram os atributos que fizeram com que a ciência ganhasse uma reputação de credibilidade que lhe permite ser hoje ainda um árbitro fiável que continua a dar alguma confiança às pessoas. A isto, acrescenta que a racionalidade não se limita aos dados mensuráveis e quantificáveis, mas antes assimila factores relacionais intrínsecos à própria investigação, e que a subjectividade tem também ela muitas facetas - sejam perceptivas, cognitivas ou emocionais.

Com uma visão contemporânea da objectividade científica, assume-se neste texto, a razão da emoção e a razão da nossa opção, na medida em que o aborto, como drama ou crime, foi longamente reduzido ao silêncio, e tensionalmente empurrado para o fundo da memória. Ao trazer à superfície esta problemática, quebra-se o silêncio nesse fio ténue da palavra. Pensa-se o silêncio como marca do recalamento das possibilidades (da escrita) que não puderam vingar antes, por falta de ocasião propícia.

Ao mesmo tempo, na esteira do Professor José Augusto Mourão, entende-se que um texto é sempre uma comunidade de partilha com a memória, e com os próprios códigos, que "para além de representar algo, representa e inscreve no seu interior a forma da sua própria subjectividade e intersubjectividade" (Mourão, 2004:178). Um texto resultado da investigação é também ele movido pelo desejo e afectos. É sempre um texto que afecta quem o tece, que nele mistura a paixão dos gestos e das palavras, e também das convicções. O texto "*Ego Affectus Sum*" do autor referido permite-nos associar intrinsecamente o nosso discurso à nossa existência. Uma existência de experiências e de afectos que contagiam a escrita e se deixam contaminar pelos contextos. Mourão (2004) diz que a inteligibilidade do conhecimento não pode dispensar o sujeito, esse que, enquanto conhece, é também sujeito de crença, intuição e convicção.

Admitindo-se que "o afecto é a condição de possibilidade de um discurso e do sujeito" (ibidem: 184) fica desfeita qualquer fragilidade em torno da falta de objectividade de uma investigação em que o sujeito se incorpora. Assumimos, então, que a investigadora é um sujeito de palavra, sujeito de acção e "actante", como se fosse um "feixe de relações" a lidar com um tema – a mediatização retórica do

aborto – problema comum de todos nós, o problema da comunicação humana.

A subtileza de Aristóteles levou-o a justificar o papel crucial de muitas emoções na resposta racional que se dá a numerosos acontecimentos da vida. Nos nossos dias, Marta Nassbaum corrobora: "um pensamento justo e virtuoso alimenta-se das paixões que correspondem às situações dadas e que podem ir até à cólera, a dor ou mesmo o medo" (2004:187). Como reforço da ideia da contingência do conhecimento e dos seus inevitáveis efeitos persuasivos, citamos Tito Cardoso e Cunha: "O conhecimento, mesmo o dito "científico" ou epistémico, segundo a dicotomia grega, é todo ele persuasivo, já Platão o tinha, de passagem, referido no Górgias, ao mencionar a «persuasão que produz ciência» a propósito da matemática. Duplamente persuasivo, assinala A. Gross, porque auto-persuasivo e persuasivo dos outros" (Cunha, 2004: 67).

3. A natureza polémica e complexa do problema

O aborto – suas causas, práticas e consequências – é um assunto controverso e polémico, com uma problematização que suscita um argumentário de campos mediáticos diversos, que se opõem, numa incessante e histórica conflituosidade, apoiada pelos diferentes qua-

droso teóricos do pensamento. É um assunto transversal, atravessado pelas discussões sobre a sexualidade e a contraceção, sobre a natalidade e a reprodução humanas, sobre as políticas do corpo da mulher em que são cruciais as questões ligadas à discussão sobre a mulher sujeito/mulher objecto. Neste quadro multidimensional, muitas são as questões que se podem levantar e muitos os prismas de análise. Poder-se-á perguntar se a prática do aborto se observa em todas as sociedades e culturas, se corresponde a uma prática urbana ou rural, se se trata de um objecto particular ou universal. Georges Devereux, etnopsicanalista francês, tratou o problema do aborto como um fenómeno universal e intemporal que terá existido, em sociedades de todos os tipos, das mais primitivas às mais estruturadas, embora conhecendo flutuações em função das condições e dos contextos técnicos, culturais, sociais e políticos das diversas comunidades. E outros autores confirmam que: "O aborto não é um objecto não-histórico. Bem ao contrário, a sua história é complexa" (Le Naour et Valenti, 2003:15). Trata-se de um problema polémico e com uma história a desocultar.

Como problema social, a sua complexidade releva também

da sua natureza pessoal, individual, relacional e cultural, aspectos que se imbricam com o político. Diz-se muitas vezes que "uma conspiração de silêncio" envolveu o termo *aborto* até há pouco. Mas em todos os tempos se pode ver que é um termo polissémico e polifónico, uma *noção confusa*. A simples consulta dos dicionários e enciclopédias generalistas ou de especialidade dá-nos conta dessa pluralidade de sentidos e vozes. José Augusto Mourão trata este debate como uma questão de interpretação de dimensão semiótica. "A questão do aborto, em Portugal ou alhures, é um problema social, um problema de interpretação que sublinha a necessária ligação entre universalismo, racionalismo e democracia moderna" (Mourão, 2000: 289). O aborto clandestino nem sempre foi tratado como um problema social, mas cedo foi interrogado como uma questão moral. Hoje, afigura-se claramente como uma questão ética e política onde se jogam conflitos de interesses. Mercê de avanços tecnológicos e científicos no domínio da reprodução humana artificial, trava-se uma discussão em torno do estatuto do embrião, que tem tido incidência na forma como se discute e debate o problema do aborto. A sua relevância argumentativa coteja sobremaneira a alçada da bioética e da biopolítica e naturalmente da biotécnica.

A dimensão antropológica, humana, do problema é sustentada por Georges Devereux (1976) que estudou manifestações e práticas abortivas em culturas diversas, e as suas vertentes de saúde reprodutiva e dos direitos sexuais e reprodutivos que são tratadas por várias instâncias internacionais como a OMS, o Conselho da Europa, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, completa um quadro epistemológico que liga a complexidade e a contingência do fenómeno do aborto, numa "ampla paisagem interdiscursiva" (Mourão, 2000: 289). Em *A study of abortion in primitive societies*, Georges Devereux apresenta a sua investigação sobre o aborto em 400 sociedades pré industriais do Pacífico. Nele defende que a questão do aborto não pode ser vista como uma questão de uma qualquer moda e que é um assunto com uma grande pertinência científica. Trata-se de "um assunto que é intemporal", que tem de ser visto como "problema humano e científico autêntico". Luc Boltanski (2004), veio a confirmar as teses de Devereux, das quais destacou o carácter *universal* da prática do aborto ou, pelo menos, a sua *possibilidade universal*, pois não se encontrou ninguém, nas comunidades estudadas, que ignorasse tal prática. Nestas sociedades a reprovação do aborto vai, a par, com uma grande *tolerância social*, mesmo por parte

daqueles que se indignam e reprovam. Como é dito por Devereux, é raro que sejam feitos esforços para identificar, perseguir ou punir as pessoas responsáveis pelo aborto. O aborto é quase sempre feito em segredo e na sombra, embora seja um segredo de Polichinelo. Ou seja, e para usar os termos de Boltanski, o aborto parece ser *oficialmente* condenado e *oficiosamente* tolerado. E, finalmente, os dois autores admitem uma *subrepresentação* do aborto, nos contos, nos mitos ou em obras literárias. Embora admitindo que não é fácil saber se não houve mesmo nenhuma representação ao longo de tempos recuados, Boltanski interpreta a pobreza de representação como resultado de uma "reticência colectiva" relativamente ao aborto. Luc Boltanski (2004: 32) retoma a terminologia de Bourdieu segundo a qual o *officiel* (*oficial*) é dotado de um carácter público, solene, colectivo e o que relewa de l' *officieux* (*oficioso*) é vergonhoso, mesmo clandestino. O mundo oficial seria o mundo dos homens, de carácter público e do exterior e o oficioso dominaria no mundo das mulheres, o interior, a casa, o segredo feminino. "O aborto é sem dúvida uma das práticas mais postas à distância do espaço público, feitas na sombra e unicamente entre mulheres"(Boltanski, 2004: 33). O aborto como a questão mais íntima das mulheres e a mais singular

das práticas das mulheres foi uma das ideias que defendemos na nossa tese. Teresa Levy, situando-se no campo da reflexão feminista, escreve também a propósito do debate do aborto que teve lugar aquando do referendo em Portugal em 11 de Fevereiro 2007 que "em particular, o debate sobre o aborto é parte crucial de debates mais abrangentes sobre questões do género, sobre a constituição da família e sobre as relações sociais em geral" (Levy, 2007:190).

3. A pertinência científica e actualidade do problema

Uma questão muito importante para determinar a pertinência do problema tem a ver com as condições em que se pratica o aborto, em grande parte do mundo e que afecta a saúde e a vida das mulheres. De acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada dia são realizados 55.000 abortos inseguros – 95% deles ocorrem em países em desenvolvimento - e provocam a morte de mais de 200 mulheres diariamente. Milhões de mulheres no mundo inteiro colocam em risco as suas vidas e a sua saúde para interromper uma gravidez não desejada². Com maior incidência nos países menos desenvolvidos, as condições em que se pratica o aborto

² Dados fornecidos por Cook, Dickens e Fathalla em *Saúde reprodutiva e direitos humanos* (2004) integrando medicina, ética e direito.

são muitíssimo precárias, as complicações pós abortivas têm consequências que levam à morte, à esterilidade ou a deficiência milhares de mulheres, todos os anos.

Rebecca Cook, Bernard Dickens e Mahmoud Fathalla, peritos das Nações Unidas para as questões de ética e do Direito em saúde reprodutiva, abordam a saúde sexual e reprodutiva como um tópico de origem recente, condicionado por culturas, leis e valores, que levanta muitos dilemas e para os quais "não há uma única disciplina, perspectiva, padrão de prática, ou ética capaz de resolver" (2004, p.4).

Numa revisitação à história do aborto e da contraceção que fizemos num outro momento (Marques, 2006) chegámos à conclusão que o aborto se praticou ao longo dos tempos, e a sua história revela a que meios extremos as mulheres não cessaram de recorrer para controlar a fertilidade, na ausência de eficazes meios contraceptivos. Enquanto prática radicada desde a Antiguidade e aceite com tolerância social em todas as camadas da população, só no século XIX, o aborto entrou nas malhas da criminalização. A década de 70, do

século XX, marca o início de uma nova fase em que o aborto passa a ser legalizado em vários países, e isso, depois de vários séculos de clandestinidade. É em torno desta clandestinidade, no limiar do século XXI, com todas as suas consequências no estatuto da mulher de hoje, que a discussão tem, maior pertinência e actualidade. Uma actualidade que ultrapassou fronteiras, como se pode ver nomeadamente na reportagem de Miguel Mora, no Semanário *El País* (26-02-2006), que nos conta o flagelo, o drama e a dor que este *continuum* provoca nas mulheres portuguesas. No contexto da nossa investigação, entende-se que «actualidade» não é apenas uma qualquer realidade, traduzida por factos ou números, mas uma «actualidade» política, tal como "é destilada dia após dia, hora após hora, pelo arsenal mediático" (Charron, 1994). A actualidade é afinal, em grande parte, criada pelos *media* que são simultaneamente lugares de passagem de todos os debates para a esfera pública.

Sobretudo nos países menos desenvolvidos, onde cresce a preocupação com as questões sociais e de saúde reprodutiva, a realidade social vai influenciando a investigação. Agudelo Murguía e José Guillermo Alcalá Rivero, investigadores mexicanos do Instituto

de Investigación sobre la Evolución Humana, apresentam um *corpus* teórico interessante para tratar uma matéria complexa e de solução difícil. Estes investigadores, centrados na filosofia da complexidade e do caos, introduzem a temática da governabilidade de problemas humanos complexos. Na resenha da sua investigação afirmam que "La gobernabilidad implica legislar, hacer cumplir las leyes y castigar en caso de su trasgresión. Pero también implica proporcionar a los grupos sociales la información apropiada, completa y actual para la discusión de los graves problemas que los afectan. Es igualmente indispensable dotar a estos grupos con los medios para sostener auténticos diálogos en que la dialéctica sea el instrumento rector. Es indispensable que las leyes que rigen la sociedad esten en consonancia con las leyes de la naturaleza" (Agudelo Murguía, Alcalá Rivero, 2003:1).³ Para além de problema social e de saúde emergen-

³A questão da tradução levanta inúmeras questões, nomeadamente quanto à possibilidade do tradutor trair o espírito do autor. "Traduttore, Traditore" diz-se em italiano. Não é, porém, unicamente para fugir a alguma eventual traição que optámos por usar a língua dos autores, mas porque concordamos com Martinet: "Uma língua obriga-nos a ver o mundo de uma certa maneira, e impede-nos por conseguinte de o ver de outras maneiras" (citado em Jacob, 1969, p.597). Além disso, "La traduction consiste à produire dans la langue d'arrivée l'équivalent naturel le plus proche du message de la langue de départ, d'abord quant à la signification, puis quant au style" [Citado em Georges Mounin. *Les Problèmes théoriques de la*

te, o aborto afigura-se-lhes como um problema "capaz de gerar las más encontradas y enconadas divergencias en cuanto a su enfoque y solución, sino uno de los graves problemas que afectan a la humanidad". No mesmo texto, sustentam que uma argumentação "filosófica racional y una firme base científica, aunada a un saludable respeto por los valores humanos" pode dar resposta à polarização das posições, que têm pontos de vista irreconciliáveis e são geradoras de tensões graves.

Para a conceptualização da temática e suporte de referência na nossa investigação, seguimos de perto alguns trabalhos que se centraram na análise retórica e argumentativa e sobre a retórica da ciência dos discursos públicos sobre o aborto nos EUA, em França e em Portugal, nomeadamente com Celeste Condit (1990), Edward Schiappa (2000), Gouazé e al. (1979) e ainda Mourão (2000).

Celeste Condit, professora de *Speech Communication* na

traduction, Bibliothèque des Idées, Paris, Gallimard, 1963, in Jacob (1969, p. 598-599)]. Ora este *equivalente natural* entre as duas línguas, a de origem e a nossa, nem sempre foi possível atingir, particularmente no que ao estilo concerne.

Universidade da Geórgia, estudou a controvérsia do aborto nos EUA, como uma situação em que os mecanismos da retórica foram claros. Apesar de saber que o termo «retórica» tinha conotações negativas ("*empty deceit*"), enfrentou esse risco de ser mal percebida e explorou todas as virtualidades e potencialidades dos mecanismos retóricos e argumentativos capazes de suscitar as mudanças na própria linguagem. No seu livro *Decoding abortion rhetoric*, Celeste Condit assume a Retórica como algo essencial à democracia, uma retórica persuasiva, que não se limita a esse lado "superficial" ou "vazio" com que ela, comumente, é tratada:

I use the word in the academic sense, to mean persuasion. Rhetoric is not necessarily bad: arguments can be either sound or unsound; styles of presentation, either attractive or unattractive. Moreover, rhetoric is essential to a democracy (Condit, 1990:p.xii)

A metodologia de Celeste Condit é pioneira nos EUA onde a maioria dos estudos relativos a alterações às leis americanas do abor-

to tinha seguido uma abordagem não-discursiva. "Difícilmente podem ser subestimadas a amplitude e a profundidade do impacto desta rápida, contestada e singular mudança: o significado e a prática do aborto são questões centrais para a reprodução da espécie humana, para a nossa compreensão do género masculino e feminino e para a nossa ética de vida." (Condit, 1990: 1). Tomando a retórica como força susceptível de gerar alterações nos comportamentos, examinou o percurso seguido pelo *discurso público* em desenvolvimento, e abordou directamente o *argumento* americano acerca do aborto

Um outro autor, Edward Schiappa,⁴ num texto intitulado "*Analyzing argumentative discourse from a rhetorical perspective: defining "person" and "human life" in constitutional dispute over abortion*" (2000), apresenta um estudo de caso de "conflitos constitucionais sobre o aborto". Nesse texto, analisa os argumentos produzidos no processo *Roe vs. Wade* relativos às definições de dois dos conceitos fundamentais desta polémica: "pessoa" e "vida humana", conceitos fundamentais usados pelo Supremo Tribunal americano

⁴ Schiappa é docente do Department of Speech Communication of University of Minnesota e um importante investigador da Retórica Antiga.

para a defesa e acusação no referido Julgamento.

A argumentação produzida em torno da *definição* dos termos terá sido crucial para legislar mais tarde sobre o aborto. Schiappa centra-se no valor argumentativo da definição e chama a atenção para o facto de que as definições acabam sempre por servir certos interesses porque as desigualdades existem entre quem tem ou não tem o poder de definir. Já Lakoff e Johnson no seu trabalho "*Metáforas de la vida cotidiana*" tinham defendido que o nosso sistema conceptual, em grande medida metafórico, desempenha um papel determinante na definição das nossas realidades quotidianas. O valor argumentativo da definição, ela própria um argumento, fora realçado, em 1958, pelos pais da Nova Retórica⁵, Perelman e Olbrechts-Tyteca, segundo os quais as definições de palavras não têm nunca um sentido unívoco, e todo o uso argumentativo das definições supõe a possibilidade de definições múltiplas. Edward Schiappa percorre as várias correntes e teorias da argumentação nos EUA, mas centra-se, fundamentalmente, nas três principais correntes america-

nas que giram em torno de Stephen Toulmin, Kenneth Burke ou Edwin Black. Todos, todavia, entendem diferentemente, seja a realidade social seja a realidade retórica. Schiappa relaciona a contingência da história da retórica com as questões do poder: "Quando chega a altura de definir a realidade que partilhamos, - diz - torna-se impossível fugir a questões de poder, interesses e contingências históricas" (Schiappa, 2000: 331).

E.Schiappa critica a ligeireza com que se definem as palavras retórica e argumentação, e critica o uso difuso e confuso que delas fazem, designadamente, algumas instituições académicas, suspeitando que a nossa tolerância pela imprecisão de "retórica" e de "argumentação" se prende com o facto de que encaramos a linguagem como um conjunto de práticas sociais, e não como algo que deveria ter uma correspondência exacta com o "mundo", porque de facto, para ele todo o discurso persuasivo é epistémico, e como tal, tem uma importância político-cultural. Mais, defende ainda o mesmo autor, neste assunto sujeito a opiniões diversas e intensas, "é possível sempre argumentar e problematizar com racionalidade", embora o termo "racionalidade" não tenha o liminar sentido cartesiano e tenha que ser encarado como uma racionalidade, discursiva e argumenta-

⁵ Chaim Perelman e L.Olbrechts-Tyteca são, unanimemente, considerados e homenageados, hoje, como os pais da Nova Retórica ou da *Retórica renovada*, particularmente a partir da grande referência que foi, e continua a ser o *Traité de l'Argumentation* editado em Bruxelas, pela primeira vez, em 1958.

da.

Outros investigadores franceses J.Gouazé, M.Mouillaud, E. Serverin e J-F Tétu estudaram as estratégias discursivas na imprensa (*Stratégies de la presse et du droit, 1979*) no caso do Julgamento de Bobigny que decorreu no ano de 1972, onde Marie Claire, menor de 17 anos, foi julgada pelo crime de aborto. Tendo como advogada Gisèle Halimi, a jovem foi absolvida. Foi um julgamento que apaixonou os media em geral. Uma das questões interessantes que aqueles autores realçaram foi a contaminação do discurso da imprensa por muitos outros discursos, vindos de outros campos mediáticos, a saber, muito especialmente, o discurso jurídico e judicial. Uma das questões que destacaram foi exactamente que os termos da questão "longe de serem palavras neutras, estavam fortemente conotadas" (Gouazé et al., 1979: 9). Essas duas palavras "*Aborto e limitação de nascimentos*" foram vistas como objectos inerentes à «doxa», objectos "que flutuam na opinião pública e da qual a imprensa é, precisamente, o veículo privilegiado" (ibidem:10). Daí que os autores tenham sido levados a optar e a considerá-los, não como objectos neutros, mas como "sinais pertencentes ao código da língua – como

unidades de um léxico – e ao funcionamento de um discurso" (ibidem).

Maurice Mouillaud estuda precisamente as retóricas e as estratégias discursivas desenvolvidas em três quotidianos franceses, *L'Aurore, L'Humanité, France-Soir*, em torno dos referentes *Bobigny e aborto*. Concebe o jornal, como uma malha retórica, tecida como jogo de relações e articulações entre o texto e o suporte material, entre o texto e o tempo, entre o tempo e o espaço, com óbvios efeitos retóricos. E considera que quanto à imprensa quotidiana, deveríamos falar de uma dupla simbolização, na medida em que a retórica do discurso duplica a retórica da página impressa que o suporta; os enunciados incrustam-se numa geografia e numa física que se podem descrever em termos de percursos e de intensidades; esta retórica do suporte constitui um nível de articulação própria em relação ao nível discursivo (...). Porém, não é a este nível que situa a sua análise, mas ao nível de uma "retórica propriamente discursiva" (Mouillaud, 1979, p. 184).

Ao precisar que entende por retórica, não "a retórica restrita" das figuras, mas um conjunto de procedimentos que instituem o real, na articulação espaço e tempo, uma retórica que informa mas onde

se inclui o próprio leitor, Mouillaud abre desta forma o caminho para a perspectiva da retórica persuasiva, na qual o leitor conta, e conta sempre. Um quadro teórico no qual a argumentação é assumida como uma modalidade de uma retórica mais geral que deve estudar os procedimentos que confluem em esquematizações diferentes, mesmo opostas, de um mesmo referente.

4. Sobre os questionamentos

Ao longo do texto são várias as interrogações que propomos. De que falamos, quando falamos de um dado assunto? Que conflitos surgem, desde logo, quando se procede à nomeação ou à definição dos termos? Em que quadro político e cultural se equacionam os problemas? Como se desenrolaram as controvérsias desde tempos remotos, e quais as do nosso tempo? Em torno de que lugares ou *topoi*? Face à polarização das opiniões, quem defende o quê? Com que justificações ou garantias? Que representações tem a sociedade do assunto? Quem é o sujeito enunciativo no discurso? Qual a trama ideológica da nossa actualidade? No fundo, que sentido ou sentidos dar a uma discussão pública, num quadro de uma cultura paradoxal onde o progresso das ciências, das novas tecnologias e o progresso da informação aumentam o risco e a incerteza quanto ao futuro, ao

mesmo tempo que procuram declinar toda a decisão, que releva do social e do colectivo, sobre os indivíduos? Afinal, que visões do mundo se escondem atrás da discussão e do debate alargado do aborto ou de qualquer cristalização de posições? Como caracterizar as retóricas interdiscursivas ou plurilogais do aborto? Qual o espaço de intersecção para o diálogo, tendo em conta as diferenças de opinião, que sendo prováveis e verosímeis, renovam as tessituras para fazer face à rigidez apodíctica, à contingência e flutuações das verdades que os vários grupos querem impor? Qual a legitimidade de julgar ou fazer justiça sobre actos pessoais, relacionais ou íntimos, quando a justiça pressupõe respeitar a justeza de uma relação singular?

Estes questionamentos remetem-nos para Michel Meyer que tem vasta obra dedicada a uma reinterpretação problematológica do campo retórico. Como ele sugere, toda a resposta tem o seu duplo. Responde-se a uma questão e ela levanta outra. É isso que faz com que uma resposta possa fazer problema, ser contestada, completada, reinterpretada. De todo o modo, estes questionamentos inserem-nos num género deliberativo retórico, próprio ao político, para deliberar sobre as razões de pensar e agir sobre o aborto. Para o tratamento do

nosso objecto (o aborto) - que já vimos ser uma questão política, controversa e polémica - e para a problematização de todas as questões, derivadas ou periféricas, que a sua discussão suscita - consideramos também pertinente definir os principais eixos da nossa arquitectura teórica, entretecida numa complexa malha de relações que aqui não desenvolveremos. Esses eixos consubstanciam-se em torno 1) da Retórica como Teoria da Argumentação e da Comunicação, 2) das Epistemologias Feministas ou de Género e 3) das Ciências da Linguagem.

Neste texto centramo-nos apenas sobre a questão da Retórica, tanto mais que é do seu arsenal teórico que partimos para uma definição do nosso objecto de estudo. Indispensáveis a qualquer investigação, porquanto, sustenta Bragança de Miranda, as teorias pretendem ser o fio de Ariadne que rectifica, perfila e enfileira toda a experiência.

A Retórica, tal como é vista, genericamente na complexidade das Teorias da Argumentação e da Comunicação é uma arte, uma ciência e uma técnica para tratar, problematizar, discutir e decidir – através da palavra e não da violência – os assuntos civis e políticos

polémicos que se preocupam com a resolução de problemas respeitantes aos humanos. Desde os primórdios civilizacionais que se assimila a retórica a ambientes de abertura democrática e de tolerância pluralista tendentes à instauração de relações de cidadania, mais igualitárias e justas, entre as pessoas. Igualitárias e justas, no sentido em que a justiça, corresponda a um tratamento igual para todos mas que, ao mesmo tempo, deve ser entendida como o "valor dos valores" (na perspectiva de John Rawls).

Enquanto disciplina rigorosa, a retórica originou-se como arte da comunicação persuasiva. É essa aliás a primeira definição: a retórica é "criadora de persuasão". Para todos, tanto para Platão e Isócrates como para Aristóteles, Eudoro, Hermágoras, Aríston, Apolodoro e Cícero, o *officium oratoris* é a persuasão, ou em todos os domínios da actividade humana, ou pelo menos nos da oratória política e forense.(Júnior, 2004:10).

Na democracia argumentada, a retórica é voltada para os

outros. Para Perelman o domínio da argumentação é o da opinião, o do verosímil, do plausível, do provável, na medida que escapa às certezas do cálculo matemático. A opinião foi durante muito tempo uma forma inferior de conhecimento, marcada pelo relativismo e sempre denunciada como falsa ou, pelo menos, frágil e inconstante. Platão opunha-a tanto à ciência como ao pensamento rigorosamente racional mas, ao contrário, Aristóteles não considerou a opinião uma simples sombra da existência. A argumentação, segundo Perelman, trata de defender teses perante um auditório a quem pede assentimento. Neste sentido, a argumentação visa a persuasão e busca a adesão dos espíritos, o que acontece, com intensidades variáveis e em função dos outros que são os auditórios. Argumenta-se sempre para alguém que, por seu turno, nos reenvia mensagens e se tem em conta, o que conceptualmente se admite ser um "auditório universal". Esta é a tese determinante em Chaïm Perelman que assim recolocou a Retórica em toda a sua dimensão aristotélica para restabelecer a sua ligação, estrutural e histórica, às instituições da democracia.

A retórica é também uma problematologia. Como diz Michel

Meyer (2005), tal como não há perguntas únicas, também não existe um único tipo de respostas para cada uma das perguntas. O que faz o confronto dos pontos de vista e motiva a discussão são exactamente as diferenças de opinião entre as pessoas, diferenças que se podem tornar diferendos. A natureza humana tem a sua raiz na problematicidade⁶ da História, e é inelutável que os homens tenham desejos e paixões que diferem, e em certos momentos, até os opõem. Mas por vezes, eles apenas exprimem as diferenças, sem debate, sem confronto, apenas numa troca de pontos de vista o que também faz parte da retórica (Meyer, 2005:82)

Ela serve para dirimir diferendos e agir sobre a opinião pública. Perelman e Toulmin, autores referência desta temática, reclamam-se de uma retórica orientada para a acção, e neles, a argumentação desempenha um papel fundamental para regular, motivar ou consensualizar acções humanas e dirimir conflitos. Tito Cardoso e Cunha (1999) afirma que o ressurgimento da retórica, a

⁶ *Problematicidade* é um termo de Michel Meyer que ele próprio define como sendo "o carácter problemático, de pôr em questão, possível ou evidente, das coisas e das respostas que se encontra afirmado ou sublinhado por esta ideia. O problemático é o **que é** assim em questão" (Meyer, 2005:118)

partir destes autores, encontrou o seu *corpus* na discursividade actuante do espaço público, e com Nietzsche, a persuasão passou a ser vista como acção da linguagem sobre a *doxa*.

A retórica é uma aliada do Conhecimento e, como tal, procuramos consolidar a ideia de que, num contexto da sua revitalização, deve ser vista enquanto estratégia de formação para o Conhecimento, sobretudo numa altura em que se manifestam preocupações públicas com o ensino, e a discussão se trava na cena pública sobre como elevar o seu grau de excelência, seja como determinar o que se pretende da inovação, num panorama em que é convergente o aumento do abandono escolar pelos jovens e indisfarçável o aumento do iletrismo e *iliteracia* funcionais. Por isso, acentuamos a actualidade da Retórica, nas suas diversas componentes. Como disse Antoine Compagnon (1999a), esta reabilitação teve efeitos numerosos em várias instituições, nomeadamente, ligadas ao ensino. E disse mais: "La rhétorique est actuelle; les publications qui s'en réclament sont abondantes; elle a largement reconquis ses lettres de noblesse" (Compagnon, 1999:1263). O que quer dizer que, para os diferentes domínios do saber, pontua hoje a verosimilhança e não mais a ver-

dade apodíctica.

Podemos dizer que no jornal se encontra todo o mapeamento retórico que se liga necessariamente a outros. A par da problematização retórica que se encontra nos artigos de opinião, nos comentários ou nos títulos dos jornais, também a argumentação dos editoriais, dos próprios jornalistas também eles comentadores ou fazedores de notícias ou ainda dos editores que fabricam os títulos e arrumam o jornal, tudo isso constitui uma rede de sentidos que designamos de *retoricidade*, por referência ao quadro teórico que se expõe e justifica adiante. O termo *retoricidade* é usado por Paul de Man como um traço comum a todos os textos. Porém, numa perspectiva hermenêutica, reflectir sobre as implicações da *retoricidade* do texto é uma maneira de ler "entre as linhas"; um modo de ler que faz aflorar ao texto os valores implícitos que sustentam a argumentação. A crítica literária nasce exactamente daqui e remete-nos assim para a retórica. Isso mesmo se pode ver no texto eloquente de Manuel Alexandre Júnior:

Na Antiguidade, a crítica retórica incluía textos épicos,

dramáticos, históricos e filosóficos. Quintiliano, por exemplo, considerou a *Iliada* um texto retórico. Louvou os discursos de Homero pela sua eloquência e propôs a análise retórica dos mesmos. E, hoje, não obstante as resistências, é crescente a aplicação da hermenêutica retórica a campos tão diversos como a novela, o teatro, a filosofia, o direito, os escritos religiosos, jornalísticos e até científicos. Com a nova retórica, começou assim a emergir uma nova crítica literária; um sistema hermenêutico aberto de leitura que compele o intérprete a reflectir sobre as implicações da *retoricidade* do texto (...) Ao trazer à superfície esses valores, o acto de interpretação move-se para além de uma análise meramente linguística ou literária. E com este movimento do simples 'ler as linhas' ou 'descrever as formas' para uma leitura 'entre as linhas' o intérprete coloca-se em melhor posição para avaliar os valores em que assenta a mensagem do próprio texto. (Júnior, 2004: 179-180).

Neste tempo de incertezas numa sociedade "transbordante de sentidos", a retórica argumentada pode ser bem útil na medida em que permite a alguém, através de um processo de razoamento discursivo e de troca argumentativa versátil, decidir livre e responsabilmente, embora existam também obstáculos e constrangimentos impostos pela própria retórica e suas circunstâncias quanto a esta liberdade de pensar e exprimir.

Sobre os resultados e devires

O que se espera de qualquer investigação é que ela seja alicerçada nas redes de saber mais actuais sobre os objectos a investigar e possa enriquecer o nosso património de Conhecimento. No nosso caso, ao conhecer mais e melhor o discurso mediático retórico sobre o aborto e o debate mediático em torno desse controverso problema, podemos dizer que passamos a saber mais sobre o funcionamento e o relacionamento humanos. Diremos, ainda que nos interessou a Retórica vista como teoria da acção humana para tratar diferendos e como teoria geral de persuasão, com os seus contornos multifacetados e caleidoscópicos. Desenvolvemos por isso a análise da retórica dos jornais em toda a sua retoricidade, força persuasiva e criadora de idealidades.

Encontrámos na linguagem os mecanismos tensionais fundadores de políticas e visões transformadoras e justas, conciliáveis com o pluralismo, assentes que são na tolerância e no respeito pela escolha individual e constituintes da trama de olhares e experiências noutros espaços e tempos.

O nosso questionamento sobre as emoções, pondo em causa a dicotomia simplificadora que opõe razão a emoção, obrigou-nos a reexaminar os dispositivos que a sociedade põe em marcha para combater exactamente a expressão das emoções. No actual contexto histórico e político de eclosão de conflitos entre, de um lado, os novos sinais de desvalorização da mulher, revigorando-se a sua interdependência com a sua função procriadora, e de outro lado, o sensível desejo de autonomia e de decisão da mulher nessa mesma matéria reprodutiva, pretendemos, claramente, argumentar a favor de uma ideia em que o aborto age, na cena pública e na cena privada, como um objecto eminentemente político, numa rede de cenas em que as mulheres ainda não são chamadas a decidir plenamente.

Enfim, voltando ao início, esta investigação procurou desde o

início estabelecer a necessária demarcação epistémica no sentido de garantir uma consistente abordagem científica, conceptual, epistemológica, teórica dos nossos objectos de estudo, para que não se deixasse submergir pelos gritos de alma do momento ainda que deles tivesse conta.

Referências Bibliográficas

- Agudelo Murguía, Guillermo, Alcalá Rivero, José Guillermo, IIEH. "El aborto. Problema que debe solucionarse."
<http://www.iieh.com/autores/gagudelo.html> . Acedido em 25-06-2004
- Boltanski, Luc (2004). *La condition foetale. Une sociologie de l'engendrement et de l'avortement*. Paris: Gallimard.
- Compagnon, Antoine (1999). *Réhabilitation de la rhétorique*. In *Histoire de la Rhétorique dans l'Europe moderne*, Marc Fumaroli (ed) Paris: PUF.
- Condit, Celeste Michelle (1990). *Decoding abortion rhetoric. Communicating social change*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Cook, Rebecca J; Dickens, Bernard, M. Fathalla, Mahmoud F. (2004). *Saúde reprodutiva e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Cepia. (Oxford University Press, 2003).
- Charron, Jean (1994). *La production de l'actualité*. Québec: Boreal.
- Charron, Jean (2004). *Journalisme et démocratie. Médiations et processus culturels*. Université Laval.
- Cunha, Tito Cardoso (1999). *A Nova Retórica de Perelman*
Http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=cunha-tito-Nova-retorica-perelman.html

Cunha, Tito Cardoso (2004). Razão provisória. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Devereux, Georges (1976). A study of abortion in primitive societies. New York: International Universities Press [1955].

Gil, Fernando (1999). "A ciência tal qual se faz e o problema da objectividade." In A ciência tal qual se faz. Fernando Gil (ed.) Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Gouazé, J.; Mouillaud, M.; Serverin, E.; et Tetu, J.-F. (1979) .Stratégies de la presse et du droit - au procès de Bobigny. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

Jacob, André. 1969. Points de vue sur le langage. Paris: Klincksieck

Júnior, Manuel Alexandre (2004). Hermenêutica Retórica. Lisboa, Alcalá.

Lakoff, George, Johnson, Mark (2001). Metaforas de la vida cotidiana. Madrid: Cátedra.

Le Naour, Jean-Yves, Valenti, Catherine (2003). Histoire de l' avortement. XIX.e-XX.e siècle. Paris: Seuil.

Levy, Teresa (2007). Não se nasce mãe. Revista de Comunicação e Linguagens, nº38 «Mediação dos Saberes», (Dez. 2007), pp. 187-205.Lisboa, CECL/Relógio d'Água,

Marques, Regina (2006). O Aborto. Lisboa: Ela por Ela.

Marques, Regina (2007). A mediatização retórica do aborto ou A sublimidade de Antígona. Tese de Doutoramento, FCSH, UNL, p.597.

Meyer, Michel (1995). Problématique et argumentation, ou la philosophie à la rencontre du langage.Hermès, 15, pp. 145-154.

Meyer, Michel (2005). Qu'est-ce que l'argumentation ? Paris: J.Vrin.

Mouillaud, Maurice (1979). "Rhétoriques et stratégies: L' Aurore, L' Humanité, France-Soir." In Stratégies de la presse et du droit ed. Gouazé,

J. e al. Lyon: Presses Universitaires de Lyon,.

Mourão, José Augusto (2004). "Ego affectus sum: Sujeito, paixão, discurso". Revista de Comunicação e Linguagens, nº33 «Corpo, Técnica, subjetividades» (Junho de 2004), pp.173-185. Lisboa: CECL

Mourão, José Augusto (2000). "A retórica da ciência no debate acerca do aborto em Portugal." In Cultura científica e participação pública, ed. Maria Eduarda Gonçalves. Oeiras: Celta.

Perelman, Chaïm, Olbrechts-Tyteca, Lucie. Traité de l'argumentation (1983). La nouvelle rhétorique. Bruxelles: Éditions de l' Université de Bruxelles (1ª edição1958).

Schiappa, Edward (2000): "Analyzing argumentative discourse from a rhetorical perspective: defining "person" and "human life" in constitutional disputes over abortion." Argumentation, vol.14, Number 3 (August 2000), pp. 315-332 (18). Minnesota. Springer.

Ziman, John (1999). "A Ciência na sociedade moderna." In A Ciência tal qual se faz, ed. Fernando Gil. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Nota Biográfica

Professora-adjunta na ESE de Setúbal (Departamento de Comunicação), Doutorada em Ciências da Comunicação área de Teoria da Comunicação pela FCSH da UNL e Mestre na mesma área científica. Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Educação de Setúbal.